

Uma neurose infernal

Jacques André*, Paris

A respeito de O homem dos ratos, Malraux dizia se tratar de um grande romance deste século. Freud queixa-se, contudo, de ter dado conta apenas imperfeitamente dessa grande obra de arte da natureza humana que é a neurose obsessiva. O homem dos ratos continua sendo, nos dias de hoje, o texto princeps sobre a neurose obsessiva. Ambivalência, conflito psíquico, erotismo anal, paixão pela contradição, primeira descoberta da contratransferência... a riqueza da escrita freudiana não perdeu nada de sua fecundidade, nem de sua atualidade. Avalia-se como a neurose em si, sem ser necessário evocar formas psicopatológicas mais graves, é o reino da violência da coisa psíquica.

Palavras-chave: neurose obsessiva, ambivalência, conflito psíquico, analidade, contratransferência, contradição, autotortura.

* Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica da França (APF).

Ernst Lanzer tem 26 anos, apresenta atraso em tudo, tanto nos estudos como na vida sexual. Nos estudos, leva dez anos para obter (em 1907) o cobiçado título de *Doctor juris*. Quanto à vida sexual, apesar de tudo, esta começa muito cedo, já na tenra infância. A fartura do gineceu – a mãe, as irmãs, as domésticas – lhe dá até mesmo matéria para alimentar, sem nunca saciá-lo, seu desejo *ardente e atormentador* de ver uma mulher nua. A infância, porém, tem seus limites, os da imaturidade. Chega a hora, enfim, da primeira relação sexual, aos 26 anos então. A cena se passa na direção de Trieste: “Mas é formidável. Alguém poderia assassinar o pai por isso!” (Freud, 1909, p. 338). Trata-se de ilustrar a neurose de *O homem dos ratos*, e são muitas as cenas que se prestam a isso, mas essa tem o mérito de captar o essencial: o encontro dos contrários e a excitação em seu ápice. Mais do que qualquer outro, o neurótico obsessivo, *expert* em ambivalência, mestre na arte de transformar a contradição em zona erógena, é o conflito psíquico em pessoa.

Ernst Lanzer parece mesmo ter-se convencido de que o mal de que sofria só podia ser curado por um grande homem. Dirige-se a uma primeira eminência vienense, Wagner-Jauregg, até ler algumas linhas de *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e se convencer de que ali estava sua esperança de salvação.

Acerca do tratamento analítico, Freud (1909) observa que ele “restituiu a saúde psíquica” (p. 378) ao seu paciente. Isso só pode ser entendido em referência a uma submissão ao jugo da compulsão, a uma liberdade, portanto, recuperada em relação a ela. Até que ponto? A gravidade dos elementos psicopatológicos – Ernst Lanzer é indiscutivelmente um *grosso calibre* da neurose obsessiva – convida a fazer essa pergunta; a inexistência de informações históricas impede de respondê-la. A cura (ou a remissão) dos sintomas é um aspecto a que a análise não se reduz, e Freud admite sem dificuldade que o movimento ficou inacabado: O paciente restabeleceu-se, e a vida exigiu dele que assumisse várias tarefas, as quais, aliás, tinham sido adiadas por muito tempo e eram inconciliáveis com a continuação da análise (Freud, 1909). Freud não fala de fuga na cura, mas chega muito perto disso quando assinala que o *sucesso terapêutico* foi obstáculo para os desatamentos – *desfazer fio por fio* – da análise.

Ernst Lanzer aproveita apenas por pouco tempo essa liberdade resgatada. Em 1910, depois de cortejar assiduamente, durante doze anos, Gisela Adler, sua *venerada dama*, casa-se com ela. Convocado para a guerra, é preso pelos russos em 21 de novembro de 1914. Morre quatro dias depois, sem que a causa dessa morte tenha sido esclarecida. Somente em 1919 a notícia de sua morte será

anunciada à família. Sua mãe sobreviverá à notícia apenas dois meses (Mahony, 1991).

A respeito da análise de *O homem dos ratos*, Malraux, que um herói como esse não podia deixar indiferente, dirá que se trata de um dos grandes romances desse século. Freud, por sua vez, no papel de autor inclemente, queixa-se do *desperdício*:

Meu trabalho sobre *O homem dos ratos* – escreve a Jung – quase ultrapassa minhas faculdades de descrição, e não será provavelmente acessível a ninguém, a não ser aos próximos. Que desperdício cometem nossas reproduções, como massacraram essas grandes obras de arte da natureza psíquica! (Jung, 1909, p. 317).

De onde vem o *desperdício*? O diário mantido cotidianamente por Freud durante os primeiros meses da análise (1907-1908) traz uma primeira resposta, por testemunhar copiosamente o que o texto acabado negligencia, descarta ou recalca (?). Mas o diário em si mesmo não é senão a memória de uma atualidade, de um presente, por definição, perdido assim que passa; o presente de um acontecimento que, em análise, denominamos transferência e que pode, por certo, ser descrito, mas nunca restituído.

Ernst Lanzer – Paul, no texto – levanta-se de repente do divã, percorre a sala de uma ponta à outra. *Dispense-me dos detalhes. Não me obrigue a dizer tudo*. Dizer tudo sobre o rato, sobre a sua excitação, sua tortura, sobre a violência do suplício. Momentos passionais como esse geralmente esperam até que a análise tenha percorrido uma parte do caminho para acontecerem. Aqui, a transferência se consolida desde os primeiros instantes, e queremos acreditar que o tempo breve da análise não permitiu sua liquidação. Por ocasião de um contato com seu paciente depois da análise, Freud escreve a Jung que o lugar a que ele ainda está preso (pai e transferência) mostra-se nitidamente na conversa. Mais que o texto publicado, o diário multiplica os exemplos do que deve ter sido *a via dolorosa da transferência*. Da transferência e da contratransferência! A palavra não é pronunciada; Freud a inventará (*Gegenübertragung*) somente alguns meses mais tarde (Freud, 1910). Vale notar que o neologismo é notoriamente trabalhado pela ambivalência, pois *Gegen* significa *contra*, tanto no sentido de movimento contrário como também no sentido de junto a/ próximo de. Uma carta de 26 de dezembro de 1908 endereçada a Abraham, em que Freud observa o risco que representa para a análise *o interesse pessoal muito grande* que o analista tem por ela, dá a pensar que a questão da contratransferência começa seriamente a ocupá-

lo durante esse período. É uma hipótese plausível pensar que a análise de Ernst Lanzer tenha influenciado nisso. Discretos indícios foram deixados por Freud quando ele se associa ao paciente para falar da travessia dos momentos difíceis: “Depois de termos vencido uma série das mais fortes resistências e das piores injúrias [...]” (Freud, 1909, p. 336). E, mais além desses indícios, há o que se possa imaginar com a ajuda da identificação.

O homem dos ratos não se contenta em ofender seu analista. Com o fundo da maior deferência, ele envolve toda a família deste ao gosto de suas fantasias e sonhos de transferência – ao gosto de suas transferências, como diz Freud, no plural – e *da maneira mais grosseira e suja*. A injúria, a grosseria, a sujeira, o estilo do homem marca o domínio do erotismo anal sobre sua vida psíquica, um domínio que o texto publicado restitui e ameniza ao mesmo tempo. O sonho que põe em cena a filha de Freud tendo, no lugar dos olhos, “duas placas de merda” (*Zwei Dreckpatzen*, a antiga tradução se restringe cautelosamente a *pedaços de cocô*) – sonho que Freud mal analisa (Freud, 1909, p. 336), contentando-se com o jogo da equivalência simbólica – é apenas um exemplo entre muitos outros tão crus quanto esse, ou até mais do que esse, que o diário registra: “Ele está deitado de costas sobre uma moça (minha filha) e tem uma relação sexual com ela por meio dos excrementos que caem de seu ânus” (Freud, 1907 [1908], p. 165). O filho, a mulher, a mãe do analista, ninguém é poupado! *Traga o Mieβnik*, a feiosa, a filha de Freud, *para que me lamba!* Para que a senhora Freud *lamba seu ânus!* Ou ainda, e para encerrar, a imagem de Freud defecando (isso deveria ser dito em outro tom) na boca de sua mãe...

Dei-lhe para ler *A alegria de viver*, o romance de Zola, escreve Freud em suas anotações da noite. Não se saberá mais a respeito de seus embates contratransferenciais, do impacto nele de uma violência tão crua, através da qual a neurose obsessiva leva à perversão. Tem-se, no entanto, o testemunho de uma reação forte, hostil, mas esta visa outro paciente, irmão de miséria do *homem dos ratos*, que passava a ferro suas notas de dinheiro para entregá-las limpas a Freud, enquanto fazia *sujeiras* com as moças. Ainda iniciante, Freud aponta a contradição a esse paciente, e o homem nunca mais voltou. Deveríamos ouvir na referência a esse episódio antigo um eco deslocado da contratransferência?

O excesso de um material que nenhum relato pode esgotar, a presença em ato do inconsciente na transferência e na contratransferência em que falha qualquer representação, a todas essas fontes de *desperdício* soma-se outra que não é menor: a compulsão à teorização. Isso pode ser entendido de várias formas. Como todo texto de Freud, clínico principalmente, *O homem dos ratos* esboça mais proposições do que pode desenvolver. Isso fica ainda mais evidente quando se

dispõe do diário. O movimento de redução, que conduz do diário ao texto publicado e, dentro deste, do relato da análise à *contribuição teórica*, é facilmente observável. Essa discrepância é um achado para os intérpretes. A mãe e as figuras femininas, a morte de Camilla (a irmã pequena de Ernst, quando este tinha três anos e meio), a criptorquidia, o circuito da dívida, a morte e o assassinato etc., são outras tantas fontes para comentário e, por vezes, no desconhecimento do ato da transferência, outras tantas tentações de refazer (e corrigir) a análise.

Em meio a gama dos possíveis, Freud faz sua escolha. Basta percorrer a soma de seus escritos sobre a *Zwangsneurose* para perceber que, de uma época à outra, a escolha, a da causa psíquica, não é a mesma. No momento de *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1907-1909), é o antagonismo entre amor e ódio que ganha sua convicção, a ideia de que a neurose se formou a partir do jogo oposto dessas duas forças psíquicas, separadas muito precocemente *na pré-história da infância*. Duas forças falsamente simétricas, para dizer a verdade. O ódio sempre constituirá, para Freud, um enigma diferente do amor. É o ódio que se situa por excelência no terreno do recalçado, sem que a fonte em que se alimenta (sexual, não sexual?) seja esclarecida.

Em 1909, Freud ainda diz *antagonismo*. *Ambivalência* virá um pouco mais tarde, depois de Bleuler (1911 [1910]) ter inventado o termo¹. Seria necessário destacar que esse tema, desde Freud – e especialmente graças a Melanie Klein – constrói um verdadeiro império na teoria psicanalítica?

Se prestarmos atenção no que fascina Freud nessa análise, não é, no entanto, o amor ou o ódio em si mesmo, mas o que é encenado pela virulência do antagonismo entre eles: o conflito psíquico, a psique submetida à compulsão. O tema central do texto publicado não é outro senão a neurose enquanto tal, a grande obra da neurose, o puro trabalho da compulsão psíquica, mais do que a busca da causa.

Assim, a compulsão à teorização, seu inevitável movimento de unificação/redução de um material disperso e plural, adquire um significado notável. Porque esse movimento não deixa de lembrar justamente aquele do neurótico em suas tentativas desesperadas de acabar com a tensão dos contrários. O teórico e o neurótico obsessivo formam uma relação de parentesco que pode gerar o temor de que a dúvida, que ameaça a mente do segundo, contamine o pensamento do primeiro. Isso não escapa a Freud, que, em dada circunstância, não deixa de aproveitá-lo: a neurose obsessiva pode justamente ser o objeto mais interessante

¹ N.R.: Conforme Laplanche e Pontalis (*Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001): Bleuler, E. (1911 [1910]). *Vortrag über Ambivalenz*. *Zentralblatt für Psychoanalyse* 1, S. 266-268.

e mais fecundo da pesquisa psicanalítica (Freud, 1909), escreve ele, mas ela ainda não se rendeu à pressão da teoria (*Die Zwangsneurose ist... als Problem... unbezungen*). Isso é dito em um texto, *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926 [1925]), para o qual a expressão *Non liquet!* (há dúvida) poderia servir de epígrafe.

O objeto mais interessante da pesquisa psicanalítica... A distância que separa as duas traduções francesas da *Zwangsneurose*, *névrose obsessionnelle* [neurose obsessiva] e *névrose de contrainte*² [neurose compulsiva] talvez seja indicativa disso³. No primeiro caso, um sintoma da dita neurose, a obsessão, funciona como uma chave que dá acesso ao conjunto. Do ponto de vista dessa especificação psicopatológica, a expressão *névrose de contrainte* [neurose compulsiva] ganha em abstração e em extensão: o fato de a psique ser submetida à compulsão (pressão), à do inconsciente, do retorno do recalcado, de um lado, àquela dos interditos ou dos limites do Eu, de outro lado, não é próprio de uma neurose entre outras. Que uma delas possa ser denominada *Zwangsneurose* dá a entender que ela mantém com o princípio geral de compulsão uma intimidade que as outras não têm.

Uma das formas de ler *O homem dos ratos* é ver nesse texto uma homenagem ao gênio do inconsciente, um gênio tão atormentador e mefistofélico quanto seja possível imaginar. O fulgor é o traço do gênio, uma palavra é suficiente para ilustrá-lo: *Glejisamen!* Palavra mágica forjada por Ernst para erradicar todos os ataques. É um pouco o contrário de uma senha, é uma palavra-cadeado, um cinto de castidade encarregado de proteger o pensamento dos *maus pensamentos*. Mas o diabo já está dentro da caixa, e a chave-mestra introduzida no cadeado, que, de um S discretamente acrescentado, transforma *Amen* em *Samen*, a oração em esperma, a veneração em masturbação (Freud, 1909). O puro gênio está ali, na arte de colocar sob o mesmo teto desejo⁴ e contradesejo. O Eu tem uma inclinação para a síntese; não seja por isso, a astúcia do inconsciente, que se adapta perfeitamente a esse pendor virtuoso, impõe ao eu a grande separação: confundir em um mesmo ponto a restrição e a satisfação, fazer com que as metas da pulsão sejam servidas por aquilo que justamente as combate. Nesse jogo, como distinguir ainda prazer e sofrimento? “Quando tinha seis anos – diz Ernst (Freud, 1909, p. 305) – eu sofria de ereções!” Genialidade da expressão, admiravelmente completada por uma cena tocante: “Queixei-me para minha mãe...”

² N.T.: Em francês, o vocábulo *contrainte* pode significar coerção, pressão, constrição, compulsão. Deriva do verbo *contraindre*, que podemos traduzir por *constranger* (na acepção mais larga desta palavra). Na psicanálise francesa, essa palavra tem sido preferida ao termo *compulsion* [compulsão].

³ Cf. *Traduire Freud* (A. Bourguignon, P. Cotet, J. Laplanche, F. Robert), o verbete *Contrainte* de J. Laplanche, p. 84.

⁴ N.T.: No original, *souhait*, que pode ser traduzido por desejo, no sentido de voto, aspiração.

Tudo isso faz Mefisto dar gargalhadas, mas somente ele. A neurose obsessiva é todo o horror da neurose, quando esta se abate sobre o pensamento feito a peste na cidade. A palavra de Nietzsche contra a cultura religiosa da culpa, *a usina imunda*, denuncia o tormento de uma auto coerção que condena cada pensamento a *lavar* o anterior e a *sujar* o seguinte. Coerção [compulsão] e tortura, as palavras são quase sinônimas. Quando o tabu do tocar toma conta do próprio pensamento, quando não há gesto do eu que possa evitar ser englobado no conflito, a tortura é diária, coextensiva à própria vida, e não somente representada pelos deleites de um suplício chinês. *Furor* do inconsciente que tudo excita, que não respeita nada, como se diz, nem mesmo a mãe do analista! O combate, porém, não está perdido, ou então não estaríamos mais na neurose. Aberta, de um lado, para a perversão, a neurose obsessiva abre-se, de outro lado, para a psicose através de suas construções delirantes. Mas entre esses dois abismos, ela se mantém mais ou menos firme, verdadeira guerra de trincheiras em que a variedade de obstáculos, atos e pensamentos ameaça paralisar toda a vida. Tão paralisada e indecisa quanto pode ficar a criança submetida à tortura, à pergunta feita por pais ávidos por saber: “Quem você prefere, papai ou mamãe?” (Freud, 1909, p. 369). Desse convite, multiplicado por dois, ao amor e ao assassinato (num mesmo gesto), pode acontecer de nunca nos libertarmos.

Aqui, entra em cena o erotismo anal. Se cuspir é o protótipo somático da negação, o percurso intestinal das fezes, retenção/expulsão, é o da contradição. A leitura de *Contribuição à teoria* (1909a) das *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1907-1909) mostra, contudo, em negativo, que a analidade ainda está longe de ter encontrado seu lugar etiológico na elaboração de Freud. Isso será feito mais tarde, em 1913, com *A predisposição à neurose obsessiva* (1913).

Com os *Três ensaios* (1905), o *Caráter e erotismo anal* (1908), *O pequeno Hans* (1909b) e seu *Lumpf*, a sexualidade anal marca sua entrada na psicanálise em 1905-1910. Correndo o risco de manchar um pouco mais sua imagem pública, e até mesmo de provocar algumas *sacudidas de cabeça* por parte de seus próprios defensores. O erotismo anal, escreve Freud a Abraham, em março de 1908, “não terá evidentemente grande poder de união” (Freud, 1920 [1905]), p. 113). É uma nota acrescentada em 1920 aos *Três ensaios* (1905) que dá a plena dimensão retrospectiva do progresso metapsicológico que a introdução do erotismo anal permitiu. Freud evoca ali o notável artigo de Lou Andreas-Salomé, *Anal e sexual*⁵, que foi escrito na linha direta dos textos freudianos anteriores – principalmente

⁵ N.R.: Andreas-Salomé, L. (1916). *Anal und Sexual*, citado por Freud em 1920 como nota nos *Três ensaios* (1905).

aquele, já citado, de 1913 – e diz isto: pelo fato de a criança, por ocasião da atividade anal, experimentar de maneira muito particular a hostilidade do ambiente às suas moções pulsionais, “o ‘anal’ permanece, a partir de então, o símbolo de tudo o que deve ser rejeitado, eliminado da existência” (Freud, 1905). Isso não significa dizer que a sexualidade anal constitui o recalcado por excelência, mas, sim, que ela é o seu *símbolo*. O erotismo anal fornece sua cota de representações ao inconsciente, mas, de maneira mais insidiosa, também adota o gesto, tanto por retenção como por expulsão, aliás.

Alquimista genial, *que defeca ducados*⁶, o anal não se contenta em conseguir metamorfosear merda em ouro (ou em florins), ele dobra com seu movimento os mecanismos mais secretos da vida psíquica. Em outras palavras, algo da satisfação do erotismo anal realiza-se não somente nas imagens da fantasia (o rato que penetra no ânus), mas também, e de forma muito menos ruidosa, através das próprias operações da atividade de pensamento e até mesmo nos princípios que a constituem. Sua astúcia mais bem-sucedida, mais mefistofélica, chama-se *princípio de realidade*: trabalhar (sofrer) primeiro, reter a satisfação, para gozar somente depois.

O fato de que a compulsão, apoiando-se no erotismo anal, possa ser ao mesmo tempo compulsão e satisfação é ensinado a Freud por uma paciente, antes de Ernst Lanzer se encarregar disso. Trata-se de uma paciente de Jung mais exatamente, uma estudante russa chamada Sabina Spielrein – sabe-se como ela circulou entre os dois homens. A carta de Jung de 23 de outubro de 1906 descreve a cena:

Do quarto ao sétimo ano, esforços empenhados para defecar sobre seus próprios pés, da seguinte maneira: senta-se no chão sobre um pé dobrado, aperta o pé contra o ânus e tenta defecar, ao mesmo tempo em que impede a defecação [...] com um sentimento voluptuoso de arrepio (1906 [1909], p. 46).

A breve vinheta é repleta de potencialidades que só se desvelam a Freud progressivamente. O masoquismo, por exemplo. Igualmente onipresente em *O homem dos ratos*, quer se trate das modalidades da fantasia, dos deleites da culpa – variante da retenção de pensamento, como não expressar ao analista a associação ocorrida: “tantos florins, tantos ratos” (Freud, 1909, p. 348) quer se trate do *pensar*

⁶ N.T.: cf. Dicionário eletrônico *Houaiss*: moeda de ouro ou prata de diferentes valores, países e épocas.

compulsivo – a palavra (*masoquismo*), no entanto, nunca é pronunciada. A imagem de Sabina criança, ainda mais intensamente (mais loucamente) que a de Ernst, ilustra a tortura, a autotortura em que consiste a *Zwangsneurose*.

Para que a homenagem à genialidade do inconsciente, a essa *grande obra de arte da natureza psíquica* que é a neurose obsessiva, seja completa, é preciso passar à análise em si. Esta pode esperar escapar da habilidade de uma psique treinada no exercício de fazer com que o mesmo passe pelo seu contrário? A análise dos entraves, o *desfazer fio por fio*, não correria o risco de se transformar no triunfo da compulsão? Hoje, diz Ernst: “Vou começar pela experiência vivida que foi para mim a oportunidade direta de vir consultá-lo”. Ele fala do capitão Nemeček, um homem que “apreciava o que é cruel”, e conta o relato feito por este de um castigo oriental especialmente assustador: o suplício do rato. Ernst interrompe, levanta-se do divã e suplica que o analista o “poupe da descrição dos detalhes”. Freud o tranquiliza: “Não tenho o menor pendor para a crueldade, certamente não quero torturá-lo, mas [...]” O que segue é tão extraordinário quanto militar: “A superação das resistências é um mandamento da análise que não pode ser desrespeitado” (Freud, 1909, p. 309). Uma haste de ferro em brasa é introduzida (pelo analista cruel) na vasilha que contém o rato, lhe chamosca o pelo, aterroriza-o e o excita ao mesmo tempo, leva-o, no fim, a cometer seu próprio crime⁷. O enunciado da regra fundamental – eu o coloquei “no dever de respeitar a única condição do tratamento, dizer tudo o que lhe vem à cabeça, mesmo que isso lhe seja desagradável [...]” (Freud, 1909, p. 303) – mergulha de uma só vez o paciente no horror de um suplício do qual ele estava ali para fugir.

Neurose obsessiva e psicanálise nasceram juntas, nos anos 1890. Isso não é suficiente para fundar sua gemelaridade, mas cria mesmo assim relações. O próprio Édipo, impelido pelo destino, se assim foi, subjugado à indagação, é “um caso de neurose obsessiva” (1906 [1909], p. 80)⁸. Não somente Édipo, o herói psicanalítico por excelência, mas também o inventor da psicanálise: *Devo reivindicar para mim o tipo obsessivo*, escreve Freud a Jung (Freud, 1907 [1909]). Em vários momentos, ao longo de sua obra, Freud se perguntará em que medida o dispositivo teórico que elabora se distingue daquilo que o paciente constrói. O desafio lançado à psicanálise pela neurose obsessiva é, desse ponto de vista, exemplar. Desafio teórico, portanto: o processo psicopatológico em ação corre o

⁷ Ernst Lanzer não conta certos detalhes do suplício. A narrativa de Octave Mirbeau, *Le Jardin des supplices* (1899, Gallimard, *Folio*, p. 209), que é a fonte das palavras ditas pelo capitão, descreve um jogo complexo de expressões em que o rato é atacado e ataca ao mesmo tempo.

⁸ Carta de Freud a Jung, de 14 de abril de 1907, *op. cit.* p. 80. “Neurose obsessiva” é aqui a tradução de *Zwangsneurose*.

risco de se imiscuir no modelo metapsicológico. Mas também desafio clínico. “O objeto mais interessante e mais fecundo” (Laplanche, 1992, p. 377) certamente não é, para a *Seelen-Auflösung*⁹, o mais fácil de resolver, não por apresentar uma face excessivamente alérgica ao que *psicanálise* quer dizer, como a neurose de angústia, por exemplo, e sua obscuridade somática, mas, ao contrário, por apresentar uma semelhança excessiva com a ferramenta que deve esmiuçá-lo.

A regra fundamental exige que se diga tudo; a regra de abstinência estabelece: nada além de dizer. Abstinência de atos, portanto. É fácil imaginar que, para aquele cuja regressão do ato ao pensamento é fonte de muitos sintomas, uma oferta como essa cai como uma luva. Em sua conclusão ao debate sobre o onanismo, na Sociedade Psicanalítica de Viena (a sociedade das quartas-feiras à noite), Freud faz uma observação que é incomum em seus escritos: “Muitos de vocês, como eu, já devem ter tido a experiência de que, se o paciente ousa praticar novamente o onanismo durante o tratamento, mesmo que não tenha a intenção de permanecer nessa etapa infantil, isso significa um grande progresso” (Freud, 1912, p. 168). O adolescente Ernst Lanzer recusou-se à masturbação; pior para ele, pois foi o pensamento que a substituiu compulsivamente. Nesse jogo, o mundo psicanalítico anda de ponta-cabeça¹⁰, com todos os inconvenientes do exercício, e, se não é danoso reconhecer um valor terapêutico na passagem ao ato onanista, é psicanaliticamente mais difícil não causar o dano pela obrigação de *dizer tudo*.

O sexual, onanismo compulsivo ou retenção anal, não somente impõe ao pensamento o seu ritmo obsessivo, mas invade também o espaço do sentido, até a matéria da língua. O rato desliza por toda parte, explorando os menores recantos da semiologia, atravessando as pontes verbais, aproveitando as homofonias: *Hofrat*, *erraten*, *Raten*, *Spielratte*, etc. (Freud, 1909). Contamina tanto o som quanto a significação, a língua torna-se sua coisa.

O psicanalista seria bastante imprudente em se alegrar muito apressadamente com essa sexualização do pensamento que, no entanto, parece ir além de todas as suas expectativas. O que faz o *Homem dos ratos* se levantar de repente do divã? O pensamento inconfessável, o medo transferencial das represálias ou o horror ameaçador de um gozo próximo? O ato de pensamento torna-se o próprio ato

⁹ *Dissolution des âmes*. Cf. J. Laplanche, Le temps et l'autre, in *La révolution copernicienne inachevée*, Aubier, 1992, p. 377.

¹⁰ N.T.: No original, *marcher sur la tête*. Esta expressão, seguidamente empregada em caso de raiva, designa, no entanto, uma situação fora do comum, uma ação que vai de encontro ao bom-senso, como o fato de andar de ponta-cabeça, ao contrário de andar com os pés. Optamos, em português, pela expressão *andar de ponta-cabeça* para tentar manter o jogo de palavras que o autor cria na frase com as ideias de masturbação, pensamento e, depois, exercício difícil.

sexual – a análise não pede mais que isso. Sob o signo da neurose obsessiva, *tudo é carregado de sentido e interpretável* (Freud, 1913), como se o pensamento passasse ao sonho. Ao mesmo tempo, os sonhos como tais perdem seu privilégio, o de constituir a *via régia* de acesso ao inconsciente. Freud anota em seu diário sobre o paciente: *Ele dá muita importância para os sonhos*. Não se poderia dizer o mesmo do seu analista. Não somente os sonhos diminuem consideravelmente na passagem do diário ao texto publicado, mas também sua interpretação é objeto de um mínimo serviço. Quando só existem vias régias, qual delas tomar?

A histeria conforma-se a uma representação arqueológica clássica: há uma cena ou cenas enterradas, que o analista começa a desenterrar pacientemente. Mas o que acontece quando todas as *Romas* de todas as épocas ocupam simultaneamente o mesmo espaço plano? Quando, no mesmo lugar do Coliseu, ainda se pode admirar a *Domus áurea* de Nero? É necessário, então, como na célebre metáfora do *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]), que a arqueologia se torne imaginária para esperar figurar o que *inconsciente* quer dizer. O obsessivo, este grande metonímico, tem uma relação estabelecida mais solidamente com o espaço do que com o tempo. A psique é extensa, felizmente ela nada sabe, pois, neste caso, as chances da análise estariam definitivamente comprometidas.

Na neurose obsessiva, o inconsciente *penetra* de tal forma no consciente que ele se manifesta ali sob *a forma mais pura*. Onde se mantém, então, o desconhecimento, sem o qual não há psicanálise possível? Uma das respostas a essa pergunta, longe de simplificar finalmente a tarefa, apenas acrescenta uma nova dificuldade: racional, se assim podemos dizer, o obsessivo não dispõe, no entanto, de seu aparelho para romper ou embaralhar as relações causais. Ao acabar de receber o manuscrito, Jung escreve a Freud: “O seu *O homem dos ratos* me encanta, é escrito com uma inteligência incrível, e está repleto da mais refinada realidade”. Ele acrescenta, porém, que, se é preciso compreender “a fundo”, “perceber as relações psicológicas”, a coisa, por outro lado, pode escapar a vários leitores (Freud, 1906 [1909], p. 332). Na carta a Ferenczi, algumas semanas mais tarde, o tom é menos prudente: *O artigo de Freud sobre a neurose obsessiva é maravilhoso, mas muito difícil de entender. Devo lê-lo, em breve, pela terceira vez. Será que sou muito tolo? Ou será o estilo? Inclino-me com cuidado para a última possibilidade* (Jung, 1909).¹¹ Deixemos de lado o estado de espírito para considerar o que o motiva: obrigado a reler três vezes para esperar entender alguma coisa. Três é o número de vezes que Freud pede que Ernst repita o relato do *pinenez*, para poder *discernir seus aspectos obscuros*. Por que simplificar quando se

¹¹ Carta de 25 de dezembro de 1909, in Jung, *Letters*, vol. 1, 1973, Princeton University Press.

pode complicar? Esperemos que o atual leitor, com todo o devido respeito à sua perspicácia, possa se limitar ao mesmo número de vezes.

Julgando insuficientes os esclarecimentos de Freud, Strachey propõe a ele um plano que foi integrado ao texto publicado. Um plano logo modificado, porque a primeira versão repousava em certas confusões, até que Patrick Mahony, historiador rigoroso, destaca, por sua vez, as insuficiências do tradutor inglês... Tudo isso lembra algo, e não deixa de trazer ao analista um tremendo problema: ele, o homem do *Auflösung*, do desligamento, vê-se condenado a restabelecer as ligações, a restituir obstinadamente a ordem, a tirar a limpo, em suma, a competir com o neurótico obsessivo em seu próprio terreno. A armadilha é admirável, genial também, e ameaça transformar a qualquer momento a interpretação em explicação e a análise em controvérsia.

Quem é Fausto? Quem é Mefisto? *Se tivermos que ensinar esse tipo de coisa* – prossegue Jung em sua carta a Ferenczi, já citada – *isso nos dará úlceras e nos levará a rogar pragas* (Jung, 1909). A praga da peste, eis o perigo. Quem a veicula? O rato de Ernst Lanzer ou o pensamento de Freud? Mefistófeles, *senhor dos ratos e dos camundongos*, é feito prisioneiro por um momento. A um rato de passagem ele ordena que o liberte, soprando-lhe o método: *Roa a soleira da porta*. Diga tudo, mesmo que seja desagradável, sem importância ou insensato... □

Abstract

An infernal neurosis

Regarding the *Rat man*, Malraux used to say that it was a *great novel of the century*. Freud, however, used to complain having only imperfectly covered this *great masterpiece of human nature* that is the obsessional neurosis. *The rat man* is still, today, the most important text on obsessional neurosis. Ambivalence, psychic conflict, anal eroticism, passion for contradiction, first discovery of countertransference... the richness of Freud's writings has lost none of its, neither its relevance. It is estimated how the neurosis itself, without having to evoke more severe psychopathological forms, is the realm of violence of the psychic thing.

Keywords: obsessional neurosis, ambivalence, psychic conflict, anality, countertransference, contradiction, self-torture.

Resumen

Una neurosis infernal

A respecto del *Hombre de las ratas*, Malraux decía que era una *gran novela del siglo*. Freud se quejaba, sin embargo, de haber tratado sólo de manera imperfecta esta *gran obra maestra de la naturaleza humana* que es la neurosis obsesiva. *El hombre de las ratas* es todavía, hoy en día, el texto *princeps* sobre la neurosis obsesiva. Ambivalencia, conflicto psíquico, erotismo anal, pasión por la contradicción, primer descubrimiento de contratransferencia... la riqueza de la escritura de Freud no ha perdido nada de su fecundidad, ni de su relevancia. Se estima que la propia neurosis, sin tener que evocar formas psicopatológicas más graves, es el reino de la violencia de lo psíquico.

Palabras clave: neurosis obsesiva, ambivalencia, conflicto psíquico, analidad, contratransferencia, contradicción, autotortura.

Referências

- Bourguignon, A., Cotet, P., Laplanche, J. & Robert, F. (1989). *Traduire Freud*. Paris : PUF.
- Freud, S. & Jung, C. G. (1906 [1909]). *Correspondance 1906-1914*. Paris: Gallimard, 1992.
- Freud, S. (1901). *Psychopathologie de la vie quotidienne. Application de la psychanalyse à l'interprétation des actes de la vie quotidienne*. Coll. Petite bibliothèque Payot, n. 97. Paris: Éditions Payot, 1975. 298 pp.
- Freud, S. (1907-1908). *L'homme aux rats : journal d'une analyse*. Paris : PUF, 1974.
- Freud, S. (1907-1909). Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle : l'homme aux rats. In *Cinq. Psychanalyses*, Paris : PUF, 1954.
- Freud, S. (1908). Caractère et érotisme anal. In J. Laplanche (Ed.), *Névrose, psychose et perversion* (pp. 143-148), Paris : PUF, 1973.
- Freud, S. (1909a). Contribution à la théorie. In Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle : l'homme aux rats. *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse 1908-1909* (Vol. 9), Paris : PUF, 1998.
- Freud, S. (1909b). Analyse d'une phobie chez un petit garçon de 5 ans (Le petit Hans). In *Cinq. Psychanalyses*, trad. Marie Bonaparte e R. Loewenstein. Paris: PUF, 1966.
- Freud, S. (1910). Les chances d'avenir de la thérapie psychanalytique. In *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse*, (Vol. 10, pp. 61-74), Paris : PUF, 1993.
- Freud, S. (1912). Discussion sur l'onanisme. In *Résultats, idées, problèmes*, Paris : PUF, 1998.

- Freud, S. (1913). La disposition à la névrose obsessionnelle. Une contribution au problème du choix de la névrose. In *Névrose, psychose et perversion*. Paris : PUF, 1974.
- Freud, S. (1920 [1905]). Nota de Freud citando Lou Andreas-Salomé. In *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Coll. Folio essais (n. 6), Paris : Gallimard, 1987.
- Freud, S. (1926 [1925]). Inhibition, symptôme et angoisse, trad. fr. M. Tort, In *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse*, (Vol. 17), Paris : PUF, 1992.
- Freud, S. (1930 [1929]). Le malaise dans la culture, trad. fr. P. Colet, R. Lainé, J. Stute Cadiot, J. André. In *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse*, (Vol. 18), Paris : PUF, 1994.
- Jung, C. G. (1909). *Letters*. Editado por Gerhard Adler. (1. ed., Vol.1), New Jersey: Princeton University Press, 1973.
- Laplanche, J. (1992). Le temps et l'autre (pp. 359-384). In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier.
- Patrick J., & Mahony, P. J. (1991). *Freud et l'Homme aux rats*. Coll. Bibliothèque de psychanalyse, Paris : PUF, p. 264 p.

Recebido em 09/10/2014

Aceito em 13/05/2015

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Jacques André

46 rue Vavin

75014 – Paris – França

e-mail: andre.jac@orange.fr

© Jacques André

Versão em Português Revista de Psicanálise – SPPA